



Nova Atena
Saber e Bem-Estar



Desafiando o fio da escrita

Mês de Março de 2024

Nova Atena



Desfiando o fio da escrita

| ÍNDICE | | |
|-------------------------|---------------------------------------|---------------|
| AUTOR | TÍTULO | PÁGINA |
| Carlos Baptista | Eis que Chega a desventura | 2 |
| Faustino Vital | Correndo atrás do voto | 3 |
| Faustino Vital | Estado líquido | 4 |
| Fernando Baptista | O problema não é | 5 |
| Fernando Baptista | Sei das coisas | 6 |
| Francisco Lourenço | Mulheres | 7 |
| Jorge Proença | Coisas que não me deixam indiferentes | 8 |
| Jorge Proença | Samarcanda | 9 |
| Luísa Machado Rodrigues | Primavera | 10 |
| Luísa Machado Rodrigues | Carta a Lionor | 11 |
| Maria de Lourdes Santos | Março Fertilidade/Mulher Primavera | 12 |
| Maria Silveira | Que Sorte | 13 |
| Mitú Branco | Encantamento | 14 |
| Mitú Branco | O fundo do mar | 15 |
| Pilar Encarnação | O naufrágio | 16 |
| Regina Ferreira | Na floresta dos tempos | 17 |
| Vítor Carvalho | Entrevista com fatalidade | 18 |



Desfiando o fio da escrita

Eis que Chega a desVentura

Passados cinquenta anos,
Eis que chega a desventura.
Acreditaram nos enganos
Votaram na ditadura.

O povo cansado de tanta corrupção
Dos escândalos no meio político
Da justiça adiada até à prescrição
E da saúde em estado crítico.

Do preço incomportável da habitação
Do ensino onde pouco se aprende
Das muitas greves, às vezes sem razão
Ou com razões que ninguém entende.

Só por revolta e sem nenhuma convicção
Votaram no aprendiz de ditador
Que, nas redes sociais é campeão
Onde mente sempre que necessário for.

E, nas televisões grita mais que todos
Pensando que quem mais grita mais razão tem
Não aprendeu, em miúdo a ter bons modos
Que a boa educação, do berço vem.

Em convicta democracia
Vivemos cinquenta anos
E muito respeito havia
Pelos direitos humanos.

Carlos Baptista



Desfiando o fio da escrita

MANIFESTO

CORRENDO ATRÁS DO VOTO

Em todos estes estúpidos e ociosos anos, não tenho visto os nossos politiquinhos pararem em qualquer lugar e sorrirem para gente comum, gente que trabalha, que muitos nem sabem quem eles são, e outros sabem até por demais por tudo aquilo que prometeram e não cumpriram. Promessas leva-as o vento, cálido ou frio, não interessa, pois não é para dar seguimento, é só meter na gaveta e fechar.

Mas, quando chega a caça ao voto, sorrisos muitos, acenos e abraços apertados.

E, sem vergonha começa a hipocrisia, o líder e toda a chusma atrás, acenando.

Os beijos nas peixeiras em mercados. Tem escamas ? Tem cheiro de sovaco ?

As escamas, sacodem-se mais tarde do sobretudo beje, e o odor dissipa-se no ar.

Apertam a mão ao pastor cheirando merda , não importa, lava-se com sabão na fonte mais próxima, talvez mais rápido com toalhas perfumadas Kleenex.

Para isso lá estão os acompanhantes sorridentes, com o desinfetante no bolso.

Abraçam-se os sem abrigo, de quem no dia anterior se afastaram cinco passos.

Corre, corre, atrás do voto no virar da esquina, nos abrigos de papelão e plástico, não interessa, nas urnas de voto estes saem sempre limpinhos, sem mácula, basta colocar o X no sítio certo, no alvo bem apregoado, nas arruadas e seus comícios.

E, depois, desenterram todos os dinossauros conhecidos, pós de guarda-fatos, que com o ar mais digno, não digam que sou um cavaco qualquer, surpresa !

Façam o favor de me abrir de par em par as portas, que eu quero falar.

Aí vem o santana, que tem o partido no coração, qual? Não sabemos, mistério!

Logo atrás o coelho, encolhido, o que nos tirou o que tínhamos e não tínhamos, talvez com medo que alguém com pouca visão o confunda com uma lebre.

Todos a fazer força, com cartazes e bandeiras a empurrar os indecisos, dizendo : Não votem naquele aventureiro que só conhece o extremo, o que vai à direita, tem promessas vãs que não pretende cumprir, depois se verá. No fundo todos são aventureiros, demagogos, enganadores.

Em quem acreditar nesta confusão ?

O que interessa é entrar, ter x representantes. Uns fazem alianças até com o monarca, que vestiu o seu melhor fato para a foto e nunca falou. Será isto representação?

E, a esquerda burra não faz pré-alianças e vai ficando sem valor. Eu, já não acredito nesses políticos; Já todos me cheiram a naftalina e a bolor.

Faustino Vital



Desfiando o fio da escrita

Estado líquido

Se eu fosse

Uma gota de água

Quantas plantas regaria

Quanta sede mataria

Quantos riachos formaria

Quantos rios encheria

Com que mares colidiria.

Se eu fosse

Uma gota de água

Juntar-me-ia a outras

Encheria mãos em concha

A minha cara lavaria

Minha pele agradecia

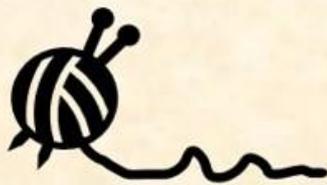
Mas,

Se eu fosse para farinha

Quanto pão eu então faria

Quanta fome eu acabaria

Faustino Vital



Desfiando o fio da escrita

O problema não é...

O problema não é como ser amigo. Como zelar pela imagem que passamos para os outros, sem inventar uma nova pessoa: O problema é sermos nós próprios. Cuidar do amor que se conquistou, zelar pela manutenção do sentimento que nos uniu.

Acordou e esperava. Esperava pausado e calmo que o despertador o faça erguer, mover, levantar. Espera que a mulher também desperte, e espera o seu sorriso suave, que o vai ajudar na azafama do dia que desperta.

Espera apresentar o seu melhor sorriso e alegrar-se com as coisas simples. Espera sobreviver nas mudanças a fazer, e espera que o pensamento o possa ajudar nos novos ambientes por onde irá passar. Espera aprender a meter o mundo no poema deste dia, nas novas soluções a aprender, na resolução de velhos problemas ainda sem solução.

Espera que o não injuriem. Espera pelo ordenado certo e pequeno, e sabe que muitos mais esperam por ordenados incertos. Espera deixar de fumar. Há quem tome aguardente: ele só toma cautela, pois a tosse persistente torna-lhe a voz velada e ansiosa.

As novas oportunidades são enormes. Pela primeira vez na história a liderança está aberta a todas as possibilidades de adquirir conhecimento sem limitações de idade ou de tempo – está aberta – a qualquer hora e local.

Espera na hora do almoço, ver a rapariga que espera pelo namorado no mesmo ponto da cidade aflita e barulhenta. Observa-os longamente. Espera que sorriam. Espera que tornem o poema do seu amor habitável. Espera um dia ser aumentado. Espera reconciliar-se com o companheiro daquela discussão do futebol. Espera ratear um pouco de dinheiro disponível, espera juntá-lo até conseguir a soma que lhe permita comprar um televisor a cores.

Espera que as coisas mudem. Ah! Como espera que as coisas mudem, mas as coisas não esperam por ele, e como ele anda vagarosamente, as coisas só mudam para os homens apressados. Espera que os homens não andem tão apressados por glórias fúteis e precárias. Espera há muitos anos que a esperança tenha razão de ser. A esperança anda distraída, a bondade desempregada e a fraternidade mirrada e enxuta.

Deixou de esperar por factos banais, por episódios singelos, por aventuras peculiares que sempre acalentara no regaço dos seus sonhos mais asseados. Espera agora o entardecer.

Ainda espera a possibilidade de alugar, no verão, um quartito junto à praia. Os miúdos esperam que o pai irá conseguir. Vá pai, não esperes tanto, força pai! És o melhor dos pais, mas esperas tanto por coisas inesperadas pai!

Eu espero, é isso mesmo miúdos: mas que mais posso fazer que esperar? Tenho todo o nosso mundo metido no poema, mas ainda não consegui tornar o poema habitável!

Fernando Baptista



Desfiando o fio da escrita

Sei das coisas

Era uma rua cheia de sonhos honestos. E as pessoas acreditavam no esforço paciente e monótono que os homens têm despendido para modelar as palavras, para fazer delas um soberbo utensílio de conhecimento, de difusão e de ternura. Amiúde as palavras foram aqui perseguidas, encarceradas e até assassinadas – para, sempre e sempre, ressurgirem, insubmissas e reiterativas.

“A poesia está na rua.” “Se isto não é o povo, então, onde está o povo?” O eco tornou-se distante e indistinto, eu sei. As frases pintadas nos muros dos prédios e na tela das nossas lembranças começam a estar delidas e gastas, é verdade. As vozes perderam-se: as vozes são as primeiras a escoar-se na memória.

Quando despertámos da sonolência e forjámos o berço, tecemos o bragal das civilizações que se completaram no ventre fecundo de esperança para cumprir um destino: agredimos, violámos, impusemos maroteia, saqueámos, enlaçamo-nos nos braços quentes, beijamos os seios, e afagámos as coxas de mulheres muito belas, comemos os acepipes dessas terras e aprendemos as suas expressões comunicantes.

Cumpríamos então uma estripe manhosa, e arteira de corrécios aventureiros, homens sem ensejo de motim, mas cumprindo a ordem de o fomentar, gente terrível que empunhava a espada, o montante, o arado e o leme com a mesma força impositiva e a mesma nítida grandeza com que compunha músicas nostálgicas de luta e poemas de amor.

Fomos aos Oceanos arrependidos pedir perdão, sei lá, das coisas perdidas e de tudo o que foi ganho. Regressámos a quem sempre fomos, regressamos aos sonhos que embalam, fomos às terras ignotas, com raiva e matámos saudades das ruas, dos bairros, das mulheres e dos perfumes, apaixonando-nos pela pátria onde montámos tenda e acendemos lume.

Foi a nossa estrela, o nosso fado, daqui saídos, deste albergue que não pede contas a ninguém, porque também as não dá.

É nesta pátria em forma de coração que se forja a identidade de um povo, na caravela que traça a rota de uma epopeia soberana entre as demais.

Estás debruada de sol e numa janela de flores esqueces as coisas perdidas. Estás iluminada como uma revelação bem sabendo dos sonhos que te embalam.

Que te embalam para sempre.

Fernando Baptista



Desfiando o fio da escrita

MULHERES

Mulher para quê?

Para crescer dentro de ti e nascer

Para ser minha mãe e educadora

Para ser amada e respeitada

Mesmo que não seja mulher doutora!

Mulher para quê?

Para que me envolvas na amizade e no amor

Para a teu lado ser homem, teu protetor

Para seres supervisora de afetos

Para seres valorizada e autónoma

Para poder concluir os seus projetos!

Mulher para quê?

Para ser Companheira, Poeta ou Deputada

Operária, Professora, Médica ou Presidente

Sem mulheres a vida não sabe a nada!

Francisco Lourenço



Desfiando o fio da escrita

Coisas que não me deixam indiferente

Os olhos permitem ver algo que não se esconde
Descortinar expressões diversas, assumir marcos
Saltar etapas na compreensão dos tempos e coisas
Não compreender os estados de alma dos vizinhos

Tudo isso, são coisas que não me deixam ficar indiferente
Surgem-me na lembrança, as experiências semelhantes
E a necessidade imperiosa de ver o sofrimento alheio
E não nos alhearmos da necessidade da nossa contribuição

O sofrimento alheio, não me deixa indiferente
As dificuldades para poder dispor de melhor saúde
De poder ser tratada nos hospitais, sem prévia informação

Sobre a sua capacidade financeira, o seu partido ou religião
Acautelando serviços de qualidade,
em que o estado da saúde é a única prioridade

Jorge Proença



Desfiando o fio da escrita

Samarcanda

Procuro, procurando sombras

As madraças de Samarcanda

O calor da tarde escalda cada minarete

E o seu toque parece esmorecer...

Cada passo, repete o ardor da escola

A nudez crua dos textos do Corão

E em cada sombra sobe uma oração

Sobre cada banco repousa uma quimera

Na praça ampla os noivos são fotografados

Cada mosaico parece lembrar sua estória

E o por do sol ajuda o amanhecer da esperança

Os cantos que provêm do interior da madraça

Surgem avassaladores, garantindo consistência

Ajudando o fervor e o eternizar da crença

Jorge Proença



Desfiando o fio da escrita

Primavera

Inicia-se hoje mais uma Primavera. Símbolo de tempo agradável, cor, alegria!

Tempo do renascer e do fulgor da natureza. Abro a janela, ao redor floresce o colorido das plantas, chilreia a passarada. Mais além, enche-se o jardim de gente que se liberta de tristezas, se abre à dádiva da estação, ao prazer de saborear o ar livre. Ao longe, no campo, debruçam-se as gentes nas colheitas, ecoa o canto e a alegria pelo fruto da sementeira...

Um misto de real e de imaginário quadro que me assalta a mente, o romântico volver a um Camilo, Dinis ou Garrett, o trazer ao de cima a 'natureza emoção' que fervilha nas suas obras e que vibra em nós.

Porém, descendo à realidade, hoje foi um dia como tantos, ora farrusco ora soalheiro. Nada demais. Quantos não têm sido ou não virão a ser assim? Só que se os das nossas infâncias e juventude eram mais próximo do idealizado romântico com Primaveras mais previsíveis e Estações mais definidas, o dia de hoje tem uma característica bastante cíclica própria das que cada vez mais anunciam tempestades curtas, bruscas e, por vezes, sucessivas. Uma particularidade que confirma a conhecida e alertada alteração climática com consequências já bem visíveis nas condições atmosféricas a nível global, de que se destaca a alternância entre um tempo de sol, cuja sensação na pele é de bastante mais quente, e um tempo de chuvas mais intensas com inundações e demais tragédias, ou seja, indefinição das estações do ano como as tínhamos conhecido e assiduidade ora de tempo estival ora de tempo invernos, sucedendo-se em qualquer época do ano.

Já não se trata de novidade para ninguém, mas estes dias especiais como o primeiro da Primavera fazem refletir e não resisto em exprimir o quanto me chama a atenção a surdez que vai por esse mundo fora quanto à importância da mudança de comportamentos em favor da melhoria ambiental.

Não é por acaso que surgem os fundamentalismos como os de jovens a expressar-se, por exemplo, atirando tintas a obras de arte, sem consciência de que o seu próprio ato é poluidor. Sem dúvida, as cidades vão engolindo o campo, as indústrias e a agricultura agridem céus e solo, o mar está poluído, o degelo é inegável. Entende-se a contestação juvenil, é importante e própria da condição de jovem, porém, a quase selvajaria com que se apresentam é que será discutível. Fomos jovens, muitos de nós somos da geração do *Maio de 68*, líamos, estudávamos, discutíamos princípios, valores, ética e até política. Embora diferente, será equiparada à nossa a formação intelectual dos atuais ativistas? O que está à vista nas gerações que já aí estão? Primariedade e mediocridade ou saber e responsabilidade?

É Primavera, virá a maturidade, que venham novas e saudáveis Primaveras...

Luísa Machado Rodrigues



Desfiando o fio da escrita

Carta a Lianor*

Mui minha amada Lianor

Amor meu, que em ledas tardes meu consolo fostes, grande é a dor da ausência, de saudade meu coração destroçais. Musa de amor, meu tormento sois, de mim tende piedade. Fazei com que céus, sol e lua resplandeçam e no esplendor da paixão nossos corpos em uma manhã de primavera se reencontrem. O dia venha em que o vosso abraço de fios de ouro me dais, minhas mágoas desvaneceis, meu desalento em abraço de fios de prata transformais. Convosco, amada minha, nosso enlevo um refulgente manto de união teça, para sempre nos aqueça. Com vossa graça em meu regaço nova vida me dais, fermosa amada. Até mim vinde, perdido que estou no abandono a mim votado. Em minha obra vos exultei, de vós tudo desejei, mas apenas o silêncio da vossa ausente voz escuto, nele minha voz calais. Meu ser desfazeis, amor meu, exangue partirei deste mundo se esperanças me não dais. Do infortúnio que as forças minhas desgastou, sois remédio, meu pensamento iluminais, meu espírito acalentais.

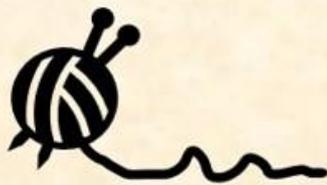
Senhora minha, Lianor, meu eterno amor, a vós me submeto, por vós espero, por vossa missiva ardentemente suspiro, deste sofrimento me libertai, de mim voltai a ser alento.

De vós cativo, vossas alvas e luminosas mãos para sempre beijo.

Camões

*Desafio da NA para homenagem a Camões dia 14.02.2024, dia dos “Namorados”

Luísa Machado Rodrigues



Desfiando o fio da escrita

MARÇO FERTILIDADE/ MULHER PRIMAVERA

Mês de Fecundidade e Renovação!! A Natureza explode em beleza e cor.

Dia 8 celebra-se a Mulher. As Mulheres atualmente no Planeta, na sua maioria, sentem-se especiais nesse dia; porém, não menos importante é celebrarmos as nossas antecessoras, as que nos abriram caminhos outrora impensáveis e que com persistência, coragem, convicção, determinação e arrojo, foram conquistando espaço, respeito, modificando mentalidades.

Honramo-nos e honramos o legado das lutadoras pioneiras que enfrentaram incompreensões, que só a força das suas convicções conseguiu ultrapassar. Abriam caminhos que se tornaram transitáveis e permitem a expansão do poder feminino.

As mulheres são ícones de sensibilidade, persistência, regeneração, AMOR. São a representação viva da Primavera, da fecundidade, o berço de novos seres, onde o amor e a dedicação de coração são nutridores por excelência.

Serem celebradas apenas no dia 8 parece manifestamente pouco. Diariamente imensas mulheres anónimas se dedicam a nobres causas que, apesar da pouca visibilidade, contribuem para uma sociedade mais rica, onde respeito, amor e valores construtivos estão de mãos dadas.

O seu exemplo é um pilar na família, no equilíbrio para a sociedade que se pretende feliz e responsável.

Elas são a primavera da vida onde a sequência das estações se inicia; é nelas que o crescimento começa, onde a qualidade dos ciclos que se sucedem é determinante e significativa.

Os seus ciclos terminarão um dia, deixarão marcas nos seus descendentes, que tal como uma pedrinha lançada no lago, se reproduzirão indefinidamente e assim se propagam ao mundo, fortalecendo a matriz hereditária de esperança e valores.

É lindo imaginar a sequência natural da perfeição, da sensatez, do contributo genuíno para a manutenção de um mundo melhor. Precisamos acreditar que é possível. Precisamos alimentar esse sonho...

Abençoadas as mulheres, abençoadas as primaveras floridas, perfumadas, coloridas, fundamentais aos ciclos seguintes, onde o declínio vai naturalmente acontecer um dia, mas onde o seu suporte será mais robusto e amparador. Chegaremos um dia ao paraíso na terra?

As nossas pioneiras antecessoras percorreram caminhos de esperança em convicções de improbabilidade para alguns céticos. Continua a haver céticos e sobretudo no mundo atual de profundas transformações.

Porém, quero acreditar na hipótese da alternativa, na da probabilidade da mudança onde, Mulheres e Homens agirão com Amor e Convicção.

Maria de Lourdes Santos



Desfiando o fio da escrita

Que sorte!

Ser mulher, hoje, que sorte!
Sermos filhas do pós II Guerra Mundial
Progressivamente libertas
Da inibição de direitos, da educação repressiva
E, não menos importante, da velha carga doméstica
Graças a máquinas e mais máquinas
Desde as amadas fadas para roupa e loiça lavar
A engenhos como aspirador e ferro de engomar
Frigorífico, microondas, placa para cozinhar...
Universal alívio, até a esferográfica chegou
De borrões de tinta na bata nos livrou
Com ela a informática, a televisão, a reviravolta nas ideias
Costumes, comportamentos, atitudes, uma revolução ...
Mulheres, incontáveis, quantas célebres
Ou anónimas antes de nós lutaram?
Pela dádiva conseguida gratas estejamos
Solidárias, lutadoras, continuemos.
Obreira do incondicional amor, elixir da felicidade
A mulher afirmemos, que seu desígnio se cumpra
Pelo respeito, pela paridade
Pela paz, pela concórdia, pelo não à dor
No lar, no emprego, na sociedade
Da mulher humano direito, da mulher aspiração maior!

Maria Silveira



Desfiando o fio da escrita

Encantamento

Olha os meus olhos
que procuram os teus
Segura as minhas mãos
que estão à espera das tuas
Deixa o calor do teu corpo
incendiar o meu
Murmura no meu ouvido
as palavras que quero ouvir
meigas
ternas
e que uma a uma
me envolvem
e
num encantamento
me fazem voar

Mitú Branco



Desfiando o fio da escrita

O Fundo do Mar

Abre os olhos
Não tenhas medo
Deixa-te deslumbrar
Vê os peixes tão dourados
como estrelas a brilhar
e as flores de cores tão vivas
que te apetece cheirar
e mais além um navio
que desceu para descansar
e repousa sossegado
até que o venham buscar
Depois tens um fundo escuro
misterioso, encantado
com segredos tão profundos
ainda não desvendados
E agora sobe
Vem para o sol
e deixa-te embalar
nas ondas azuis do mar
que no seu cantar tão doce
põem-me sempre a sonhar

Mitú Branco



Desfiando o fio da escrita

Naufrágio (continuação)

Cada vez mais perto de terra, o rapaz nadava com determinação, apesar do cansaço. Já muito perto da costa apercebeu-se das dificuldades que teria de enfrentar. À sua frente, uma enorme parede rochosa que terminava a pique, tornava inacessível o acesso a terra. À sua direita, os numerosos recifes estabeleciam uma outra barreira intransponível. À medida que mais se aproximava, as ondas eram maiores, embatendo ruidosamente nas rochas. Só lhe restava avançar pelo seu lado esquerdo, na esperança de encontrar uma entrada mais acessível, talvez uma enseada. Continuou a nadar ao longo da costa, sentindo-se cada vez mais cansado, mas sem perder a coragem. Finalmente, a alta falésia deu lugar a uma pequena praia onde as ondas do mar chegavam de mansinho até à areia fina e dourada. Feliz por ter chegado a bom porto, o rapaz estirou-se na areia molhada, completamente exausto e ali se deixou ficar a recuperar energias.

Mais tarde, levantou-se ainda meio estremunhado e deu-se conta de que estava cheio de sede e esfomeado. A tarde já declinava e as gaivotas ocupavam o areal com o seu grasnar barulhento. Era urgente encontrar gente, saber onde estava e alimentar-se. Percorreu com o olhar a pequena praia e todo o espaço envolvente. Ninguém à vista. Só lhe restava subir pela única vereda íngreme que enxergava e assim fez.

Lá no cimo, a paisagem era bela. De um lado, o mar imenso; do outro um campo matizado de verdes e amarelos onde a água de um pequeno riacho cantarolava em direção ao mar. Aproveitou para matar a sede. Ninguém, nem uma casa à vista. Ao fundo havia árvores, muitas árvores! Para lá se dirigiu, seguindo por um caminho que parecia ter sido pisado havia pouco, na esperança de encontrar alguém. Percorreu uns quinhentos metros pelo meio dos pinheiros até que ao fundo, numa clareira, uma pequena e tosca casa de madeira lhe chamou a atenção. Sentado à porta, um homem amanhava peixe. Boa tarde! Finalmente encontro alguém! Respondeu-lhe uma voz rouca com um sotaque cerrado, quase incompreensível. Açoreano? Perguntou o rapaz. Sim, respondeu o homem, mas há muito tempo que saí da minha terra. Ao tomar conhecimento da aventura do rapaz, o homem apressou-se a assar uns peixes mais um bom caldo de mexilhão acabados de apanhar e convidou-o para jantar. Deve estar esfomeado?!



Desfiando o fio da escrita

Na floresta do tempo

Na floresta do tempo

Vejo-te árvore robusta do pensamento

Aprendi a sentir o som suave das tuas folhas

No silêncio desassossegado

Da minha infância

Sonho descontrolado

Para te interpretar

Para compreender aquele lado

Do teu desassossego.

Compreendi como desdobraste o teu ser

Em outros seres

Para entenderes o mundo

Que não tem entendimento.

Compreendi como viveste sempre acordado

Sem sono no teu desassossego.

O mar salgado que nos rodeia

Foi, é hoje coisa feia

Pela fúria com que transporta o areal sujo

Que tão bem compreendeste.

Mas foi a tua poética colorida

Só mais tarde entendida

Que acalmou a minha alma

Também ela desassossegada e ferida

Maria Regina



Desafiando o fio da escrita

Entrevista com fatalidade viral

As primeiras sociedades recreativas surgiram em Portugal no início do século dezanove e tiveram a maior expansão com a migração dos campos para a cidade no final do mesmo século, fruto do início da industrialização em Portugal e no quadro do crescimento das infraestruturas, como estradas e caminhos de ferro- aquilo que ficou chamado como o “Fontismo”.

Essas populações migrantes formavam nas cidades do litoral aquilo que veio a chamar-se de “ilhas”, ou seja, locais onde se juntavam pessoas com interesses comuns, com as mesmas causas, crenças, valores e tudo aquilo que aproximava as pessoas. Essas sociedades recreativas foram-se transformando com a evolução económica e populacional até aos nossos dias. E continuam a ser espaços de convívio e de solidariedade, promovendo debates e eventos artísticos.

Fomos visitar uma dessas sociedades recreativas da periferia de Lisboa e assistir a um debate entre duas pessoas que surgiram na cena política nacional com as eleições do passado mês de março. Chamou-nos a atenção a intervenção e diálogos com a nova deputada Fatalidade Viral.

- O que pensa das sociedades recreativas, senhora deputada?

Resposta: - São fruto da vontade de um grande chefe, Salazar, que tanto admiramos! O nosso venturoso chefe e o seu mestre da pachacha, aquele que foi deputado de Salazar e pertenceu ao movimento anti-abril 74, já nos elucidaram da necessidade de percorrer todas as sociedades recreativas e mostrar como divulgar as nossas verdades, não apenas nas redes sociais, mas também nestes meios ainda poluídos das ideias comunitárias.

- Quais são as suas propostas, que vai defender na assembleia, para fazer a limpeza do país, já que tem formação em química?

Resposta: - O chefe é que sabe, eu de química só entendo a dos homens, na faculdade sabia fazer bem as minhas misturas.

- Fale-nos da sua experiência profissional, das suas competências e do sucesso que teve nas empresas por onde passou.

Resposta: - Entrei para uma grande empresa porque o meu pai era amigo de infância do patrão, dos tempos da escola primária. Saltitei por vários departamentos, mas baralhava os números de tal maneira que o planeamento das operações saía todo trocado. Os chefes, pensando que ainda não tinham acertado com a função adequada para o meu perfil, mudaram-me sucessivamente até que o amigo do meu pai adoeceu e deixou de estar aos comandos da empresa. A paciência do meu chefe de planeamento estava a esgotar-se e voltei para um lugar de assessora, onde aprendi as técnicas de manipulação. Convidaram-me a sair da empresa e decidi procurar ocupação na administração pública, o que foi fácil com um cartão laranja. Mas a minha vocação era a política, e quando o meu atual chefe se candidatou abrindo uma frente nova na política portuguesa, eu aderi com ímpeto e total dedicação. Em tempos, assediei para ser tolerada, especializei-me nessas artes e agora sou uma senhora de-puta-da!

Vítor Carvalho



Desfiando o fio da escrita

Nova Atena - Universidade Sénior de Linda-a-Velha
Coordenação e design gráfico - Midá Sá-Chaves